

Novos “isolados” ou antigos resistentes?

Bruce Albert

Marcos Wesley de Oliveira

Antropólogo do IRD/MNHN e pesquisador associado ao ISA

Coordenador-adjunto do Programa Rio Negro do ISA

“OS MOXI HATĒTĒMA THĒPĒ SÃO YANOMAMI E POR ISSO A HUTUKARA ASSOCIAÇÃO IRÁ DEFENDÊ-LOS DOS GARIMPEIROS E GARANTIR QUE ELES POSSAM VIVER EM PAZ, NÃO DEIXANDO QUE NENHUM BRANCO OS ENCONTRE” (Davi Kopenawa, junho de 2011)

No dia 14 de julho de 2011 a Hutukara Associação Yanomami (HAY) e a Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kuana (FPEYY) da Funai¹ localizaram, durante um reconhecimento aéreo, uma casa coletiva pertencente a um subgrupo yanomami considerado como “isolado” e desaparecido desde a segunda metade dos anos 1990. Este grupo é tradicionalmente conhecido pelos seus antigos vizinhos e inimigos Yanomami de língua Yanomae/ Yanomama² do oeste e do sul como Moxi hatĕtĕma thĕpĕ. Esta designação remete ao fato que estes índios manteriam o prepúcio do pênis (*moxi*) preso entre dois barbantes (*batĕtĕ-*) amarrados na cintura.³

O SOBREVÔO E A CASA

O sobrevôo que localizou a casa coletiva foi orientado por informações oriundas de Yanomami dos rios Mucajaí e Couto de Magalhães que vivem

em regiões próximas à zona da descoberta. Ao longo do último ano registraram-se vários indícios da presença desses índios na mata na região ao sudoeste do alto rio Uxiú⁴ (pegadas, acampamentos, fogueiras e restos de comida, utensílios domésticos) e notificaram-se até mesmo alguns encontros fortuitos com caçadores Moxi hatĕtĕma thĕpĕ.

A casa tem forma circular/elíptica com um diâmetro de cerca de 50 metros, adjacente a uma ampla área de roças. É composta por uma quinzena de secções de tetos inclinados justapostos que, de acordo com os padrões yanomami, devem abrigar esse



mesmo número de famílias, ou seja, um total aproximado de 60 a 75 pessoas. Nota-se que este tipo peculiar de construção é semelhante às moradias do subgrupo yanomami dos Ninam meridionais (rios Ajarani e Apiaú) nos tempos dos seus primeiros contatos com os brancos (anos 1950 e 1960).⁵

Os registros fotográficos e em vídeo realizados durante o sobrevôo confirmaram a presença de uma população aparentemente numerosa e saudável, com muitas crianças. A reação dos aldeões ao sobrevôo foi característica dos grupos com pouca experiência e muita desconfiança dos brancos: amedrontados pela passagem de um monomotor a baixa altitude, com mulheres e crianças correndo para se esconder na mata e homens no centro da maloca atirando bravamente flechas contra os intrusos.

A descoberta da casa coletiva dos Moxi hatëtêma thëpë neste momento não é uma surpresa, nem para os Yanomami das regiões vizinhas (ou ligados à HAY), nem para os brancos que trabalham na TI Yanomami. De fato, notícias sobre a presença do grupo na região chegam regularmente à HAY e à FPEYY, há mais de um ano, e sabia-se que se tratava apenas de uma questão de tempo e de horas/vôo disponíveis para que o local de sua moradia fosse encontrado.

“ISOLAMENTO” OU RESISTÊNCIA?

Os Moxi hatëtêma thëpë pertencem certamente aos Ninam meridionais, cujas comunidades foram, em sua maioria contatadas, pelos brancos nas décadas de 1950 e 1960.⁶ Trata-se provavelmente de um pequeno núcleo populacional que permaneceu isolado na região montanhosa situada entre as cabeceiras do rio Apiaú e a margem esquerda do alto rio Catrimani durante o processo migratório que levou outros ramos deste subgrupo a povoar as bacias dos rios Ajarani e o médio Apiaú. Portanto, longe de constituir um grupo desconhecido, estes índios são considerados como inimigos tradicionais há quase um século, tanto pelos Yanomae da região do rio Catrimani, quanto pelos Ninam centrais do médio Mucajái. Foram também registrados como “isolados” pela Funai desde o começo dos anos 1970 e a área de sua localização foi indicada, na época, no mapa de um relatório do Plano Yanoama (UnB/Funai, 1975-76) sobre os Yanomami do rio Ajarani (Ramos, 1979:10).

Os antepassados dos Ninam meridionais (incluindo os Moxi hatëtêma thëpë) – chamados genericamente de “Yawari” – foram, pelo menos desde os anos 1920 (Salathé, 1932, Meyer 1956, Jovita, 1948),⁷ regularmente atacados por guerreiros de língua Yanomae oriundos da margem direita do alto rio Catrimani.

Confirmando a antiguidade destas relações belicosas, foram identificados nos anos 1970, nas comunidades da bacia do Lobo d'Almada, vários adultos raptados durante sua infância entre estes grupos e levantados numerosos relatos destas guerras (BA).⁸ Em 1973, no início da abertura da estrada Perimetral Norte, a Funai lançou, em vão, uma expedição para estabelecer contato com os Moxi hatëtêma thëpë, “isolados” do alto Apiaú (Kopenawa & Albert, 2010:cap. XIII).⁹ Em 1975, na volta de uma incursão nas cabeceiras deste rio, um grupo de guerreiros oriundos de várias aldeias da região do rio Catrimani trouxe diversos objetos furtados da casa coletiva que atacaram. Estes objetos divergem dos padrões da cultura material dos Yanomami circunvizinhos: painéis de barro muito regulares e com paredes lisas e finas, pedras de machadinhas, pontas de flechas de taquara de cerca de 50 centímetros, colares de dentes de macacos e sementes pretas etc.¹⁰ As pedras das machadinhas apresentavam sinais de uso recente. Os guerreiros do Catrimani confirmaram que nenhum corte de ferramentas de metal havia sido observado por eles nas roças dos Moxi hatëtêma thëpë.

O último registro de tais incursões data de 1985. Neste ano, um relatório da Funai menciona um ataque de Yanomami do Lobo d'Almada com espingardas adquiridas de garimpeiros contra os Moxi hatëtêma thëpë do alto Apiaú e relata a existência de três casas coletivas na região. O ataque teria causado cinco mortes entre estes índios.¹¹ A partir de 1986, a intensificação da invasão garimpeira da bacia do alto Apiaú afastou provavelmente os Moxi hatëtêma thëpë do seu antigo território em direção ao noroeste.¹² Em seguida, a expansão do garimpo em toda a TIY, seguida de dramáticas consequências epidemiológicas e ambientais, tirou este grupo da atenção dos seus inimigos tradicionais. Nos anos 1990 circularam ocasionalmente, nas regiões do Catrimani, Mucajái e Apiaú, rumores de conflitos armados entre garimpeiros e Moxi hatëtêma thëpë e, eventualmente, conjecturas sobre o possível desaparecimento destes índios, vítimas de doenças e de violência dos brancos.¹³ Entretanto, em 1995 notícias divulgadas pela Funai confirmaram a sobrevivência dos Moxi hatëtêma thëpë e sua determinada resistência à invasão de seu território: dois garimpeiros foram flechados por eles na região do alto Apiaú em agosto do mesmo ano (Verdum, 1996 : 98, nº 11).

Do lado dos Ninam centrais (médio Mucajái), a literatura etnográfica registra também um longo passado de incursões guerreiras (geralmente desencontradas) contra os Moxi hatëtêma thëpë e a ausência de quaisquer contatos. O ex-missionário evangélico da Missão Mucajái e antropólogo canadense J. F. Peters fornece várias informações sobre esta situação. Relata, assim, uma incursão

dos Ninam centrais em “busca de esposas” ao sul do rio Mucajá, “entre 1936 e 1944”, na qual os expedicionários cruzaram, por acaso, o território dos “Moxatotau” e foram repelidos com vigorosas flechadas (Peters, 1998:175, Early & Peters 2000:30). Evoca ainda outra tentativa de ataque contra os “Moxatotau” em 1967, desta vez para vingar a morte de um caçador do Mucajá desaparecido na floresta, mencionando o encontro de um acampamento “Moxatotau” abandonado e a presença de uma machadinha de pedra (Peters, 1998:212).

Os informantes de Peters lhe asseguraram que seu grupo tinha migrado em 1961 na margem norte do médio Mucajá por medo destes inimigos (op. cit.:175). Atitude semelhante é atestada entre os Yanomami da região do Catrimani que, até os anos 1980, atribuíam regularmente a responsabilidade por mortes repentinas de homens mais velhos (*pata thëpë*) à feiteiros inimigos (*okapë*) desde grupo. Entretanto, estes temores sobre a hostilidade dos Moxi hatëtëma thëpë são um tanto quanto paradoxais já que estes índios parecem nunca ter tomado a iniciativa de atacar (outros Yanomami e/ou brancos), a não ser em caso de invasão do seu território. Peters registra também (op. cit.:212) uma tentativa de contato deste grupo pela Funai (não datada) e a construção de uma pista de pouso ao sul de sua área presumida de ocupação.¹⁴ Relata em seguida a destruição dos “presentes” deixados pelos sertanistas na floresta, bem como, mais tarde, o cerco de um avião por guerreiros hostis, o que interrompeu definitivamente a tentativa de contato. Este autor evoca também dois episódios de conflitos entre garimpeiros e “Moxatotau”: um caso no qual três garimpeiros morreram, outro no qual um garimpeiro e um índio foram mortos. Finalmente, Peters assinala que os Ninam do médio Mucajá lhe afirmaram que os Moxi hatëtëma thëpë queriam manter seu isolamento em relação a todos seus vizinhos e aos brancos (op. cit.:212). Estas informações confirmam declarações do mesmo teor feitas pelos Yanomami da região do Catrimani e Demini nos anos 1970 e 1980 sobre a recusa dos Moxi hatëtëma thëpë a qualquer contato pacífico com intrusos em suas terras (BA).

UM NOVO CERCO GARIMPEIRO

Apesar do antigo hábito dos Moxi hatëtëma thëpë de se manter à distância dos outros Yanomami e, mais recentemente, dos brancos (garimpeiros ou indigenistas), aumentaram em 2010 os indícios da presença destes índios (rastros de trilhas e furtos de utensílios) na região ocupada pelos Ninam do rio Uxiú, recentemente instalados na beira do Mucajá, perto da confluência do Couto de Magalhães. Finalmente, em fevereiro de 2011, uma aproximação inesperada ocorreu entre membros dos dois grupos.

Cerca de seis Moxi hatëtëma thëpë atiraram várias flechas contra uma família do Uxiú que cruzava o rio em canoa, sem terem atingido ninguém. Um homem reagiu ao ataque e teria conseguido ferir um dos seus agressores com um tiro de espingarda, colocando finalmente os guerreiros em fuga.¹⁵

Apesar deste incidente seguir o padrão de recusa de contato mantido tradicionalmente pelos Moxi hatëtëma thëpë, sua aproximação deliberada de uma região habitada por inimigos potenciais não deixa de ser surpreendente. Pelo menos duas hipóteses podem ser evocadas para explicar este fato inédito. A primeira – fundamental – é o encolhimento progressivo do espaço de migração do grupo na região, cercado por um novo avanço das atividades garimpeiras clandestinas que já os afastaram das cabeceiras do Apiaú na segunda metade dos anos 1980. De fato, tanto as regiões situadas ao sul/sudeste (bacia do alto Apiaú),¹⁶ quanto aquelas situadas ao oeste/noroeste (alto Catrimani e Couto de Magalhães) do antigo território dos Moxi hatëtëma thëpë, estão hoje invadidas por garimpos, fato denunciado regularmente pela HAY desde 2007 sem que as autoridades competentes tomem qualquer providência. A outra hipótese, provavelmente complementar à primeira, é que desde o fim dos 1980, os Moxi hatëtëma thëpë têm adquirido objetos de metal, provavelmente furtados dos garimpeiros, dos quais se tornaram dependentes, precisando manter o seu abastecimento.¹⁷ Esta nova dependência lhes imporia, atualmente, a necessidade de se aproximar de comunidades yanomami onde poderiam continuar a furtar esses objetos sem se expor demasiadamente. Nesta situação, parece ter-lhes sobrado apenas um corredor migratório em direção ao noroeste, abaixo da área recentemente ocupada pela comunidade de Uxiú longe dos garimpos e das zonas mais densamente povoadas por seus antigos inimigos Yanomae e Ninam.¹⁸

Após décadas de ataques de seus vizinhos, agravadas pela chegada de espingardas na TIY, dizimados pelos garimpeiros desde o fim dos anos 1980, os Moxi hatëtëma thëpë estão hoje cercados por novas áreas de garimpo e provavelmente compelidos, por razões econômicas, a engajar-se num processo muito ariscado de aproximação sem contato. Sabemos, através de inúmeras experiências semelhantes, que esta conjuntura lhes coloca hoje numa situação de extrema vulnerabilidade social (eventualidade de agressões inimigas e de contatos nocivos) e sanitária (contágio de doenças virais e bacterianas). A FPEYY e o Distrito Sanitário Yanomami (DSEI-Y) deverão abordar conjuntamente esta situação complexa através de um rápido e rigoroso controle do entorno da área dos Moxi hatëtëma thëpë, tomando em conta a história trágica deste grupo e evitando quaisquer contatos

improvisados que poderiam ter um desfecho letal. As primeiras medidas deste controle deverão priorizar a organização de uma vasta operação de desintração dos garimpos ilegais da TIY bem como de controle do financiamento e da logística das atividades garimpeiras na capital do estado de Roraima (Boa Vista) e regiões adjacentes à TIY. O reforço urgente do precário esquema de assistência em saúde em toda a região seria obviamente outra medida imprescindível. (agosto, 2011)

BIBLIOGRAFIA

CCPY (Comissão Pró-Yanomami). 1989 : “Mineração : o esbulho das terras Yanomami. Histórico das invasões 1975-1989”, Urihi 11. São Paulo : CCPY.

Early, J.D. & J. F. Peters. 2000 : The Xilixana Yanomami of the Amazon. History, Social Structure, and Population Dynamics. Gainesville : The University Press of Florida.

Jovita, M. de L.. 1948 : Roteiro etnográfico (catálogo e síntese). Belém : Publicação da CBDL, 1ª Divisão.

Kopenawa, D. & B. Albert. 2010 : La chute du Ciel. Paroles d’un chaman yanomami. Paris : Plon (collection Terre Humaine).

Meyer, A.. 1956 : Breves Notícias sobre os Índios do Rio Catrimani e regiões vizinhas. Rio de Janeiro : publicação do Arquivo Nacional.

Migliazza, E.. 1972 : Yanomama Grammar and Intelligibility. Tese de Doutorado, Indiana University.

Nilsson, M.S.T. 2011 : Yanomami isolados: localização dos Moxihatetema com técnicas de sensoriamento remoto, MS.

Peters, J. F. 1998 : Life among the Yanomami. The Story of Change Among the Xilixana on the Mucajaí River in Brazil. Peterborough (Ontario, Canada) : Broadview Pres, Ltd.

Pinto Figueiredo Costa, G.. 1967 Relatório ao Diretor do SPI. SPI, 1ª DR.

Ramos, A.R.. 1979 : “Yanoama Indians in North Brazil Threatened by Highway”, in :The Yanoama in Brazil 1979, A.R. Ramos & K.I. Taylor (eds.). Copenhagen : IWGIA Document 37.

Sabatini, S.. 2003 : “Os primeiros contatos nas áreas Apiaú, Ajarani, Catrimani e Surucucu”, MS.

Salathé, G.. 1932 : “Les indiens Karimé”, Revista de la Universidad Nacional de Tucuman, 2 :297-316.

Verdum, R.. 1996 : Os Yawaripë : contribuição a história do povoamento Yanomami. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

NOTAS

¹ A FPEYY, implantada na TI Yanomami em junho de 2010, é ligada ao Departamento de Índios Isolados da Funai.

² A família linguística Yanomami é composta de quatro línguas principais: Yanomami, Yanomae/Yanomama, Sanoma e Ninam/Yanam.

³ Ao contrário dos outros Yanomami que usam (ou usavam) um único barbaente.

⁴ Tributário da margem direita do médio Mucajaí.

⁵ Por ex., nas fotos dos padres R. Silvestri e S. Sabatini (Consolata) de 195-54 e 1963-1964 no médio Apiaú. O subgrupo lingüístico Ninam é situado a periferia leste da TI Yanomami, nas regiões do rio Uraricáa (Ninam septentrionais), médio Mucajaí (Ninam centrais) e Apiaú e Ajarani (Ninam meridionais).

⁶ Missionários evangélicos se instalaram entre os Ninam septentrionais (rio Uraricáa) e centrais (rio Mucajaí) em 1958 (Migliazza, 1972:387, Early & Peters, 2000 : 32-33). Os Ninam meridionais do médio Apiaú foram contatados por missionários italianos da ordem da Consolata em 1953 e novamente em 1963-1964 (Sabatini, 2003), bem como por missionários evangélicos do médio Mucajaí a partir de 1959 (Early & Peters, 2000:33). As comunidades do Ajarani foram contatadas pelos mesmos missionários evangélicos em 1961 (loc. cit.), após uma visita destes Índios a sua missão do rio Mucajaí em 1960 (Peters, 1998: 187, 212-213). Os missionários da Consolata também tinham estabelecido relações com os habitantes da região em 1962-1963 (Sabatini, 2003). Em 1967-1968 as comunidades do Ajarani foram vítimas de uma epidemia de sarampo (Pinto Figueiredo Costa, 1967) e de um ataque dos Ninam do Mucajaí e Apiaú (Peters 1998 :212-215). Os sobreviventes foram finalmente alcançados pela construção de estrada Perimetral Norte em 1973 e vítimas de uma incursão guerreira dos seus vizinhos do Catrimani em 1974 (ver Ramos, 1978; Verdum, 1995).

⁷ O explorador suíço G. Salathé e o Padre A. Meyer visitaram o alto Catrimani (rio Jundiá) em 1929-1930. Salathé menciona ataques regulares das comunidades da região contra os “Jauary” e Meyer evoca a presença dos “Yauari” numa região situada entre o alto Mucajaí e o alto Catrimani, nas cabeceiras do Mucajaí bem como nos altos rios Apiaú e Arapari (afluente da margem esquerda do Catrimani). Já a expedição da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites de 1940-43 nos rios Toototobi e Catrimani registrou incursões freqüentes dos “Uaicás” (Yanomae) do Catrimani (então situados no rio Mapulaú) contra os “Jauari” e a presença de “numerosas malocas” destes índios estabelecidas na margem esquerda do rio Catrimani, em particular na altura do Lobo d’Almada (margem direita).

⁸ O rio Lobo d’Almada é um tributário da margem direita do rio Catrimani. Salathé (1932) menciona a captura regular de crianças yawari no fim dos anos 1920.

⁹ Relatórios do sertanista F. Bezerra de Lima de 1973 e 1974 (Funai, 1ª DR).

¹⁰ Peters (comunicação pessoal) observa que estes objetos lembram a cultural material dos Ninam do Mucajaí e do Apiaú tais como a encontrou no final dos anos 1950. Entretanto, os habitantes do Apiaú eram reputados por suas panelas de barro “mais frágil, simétrica e leve” que as cerâmicas dos Ninam centrais (Peters, 1998: 187).

¹¹ A ocupação garimpeira do Apiaú começou em 1982 (Apiaú velho) e aumentou consideravelmente em 1985-1986 (rio Novo, Cambalacho). O relatório citado, de maio 1985, é de autoria do chefe do PI Paapiú, T. de Souza Filho (10ª DR).

¹² Em 1985 a FUNAI documentou a invasão da área dos “Yawari, um subgrupo Yanomami que ainda encontra-se isolado” pelos garimpeiros (relatório da antropóloga G. de Melo, junho de 1985, 10ª DR). O relatório mencionado na nota anterior registra também roubos dos garimpeiros nas roças dos Moxi hatëtêma thêpê e recomenda sua atração nas imediações do PI Apiaú.

¹³ Durante um encontro regional da HAY realizado no Apiaú, em junho de 2011, um líder da região relatou que no auge do garimpo na TIY os garimpeiros atacaram e mataram um grande número de Moxi hatëtêma thêpê.

¹⁴ Talvez no começo de 1985 durante a instalação de um efêmero posto de vigilância da FUNAI no alto Apiaú (Serra da Estrutura), ver CCPY 1989.

¹⁵ Relato de Ivan Xiriana (Uxiú) ao coordenador da FPEYY, Michel Idris da Silva.

¹⁶ Durante o encontro da HAY mencionado em nota acima, o mesmo líder do Apiaú relatou que, há alguns anos, garimpeiros o procuraram em Boa Vista perguntando se ele conhecia os “índios bravos” do rio Novo (alto Apiaú) que estavam impedindo seu trabalho na região, chegando a afirmar que pretendiam eliminá-los.

¹⁷ Lembrando assim a história dos primeiros contatos dos Ninam centrais em busca de ferramentas no fim dos anos 1950, ver Peters 1998:177-78.

¹⁸ De acordo com um estudo recente de imagens de satélite (Nilsson, 2011) os Moxi hatëtêma thêpê teriam aberto em 2007 as roças desta nova localização.